

SALMAN RUSHDIE

Vergonha

Romance

Tradução

José Rubens Siqueira



Copyright © 1983 by Salman Rushdie

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Shame

Capa

Victor Burton

Imagen da capa

© Historical Picture Archive/ Corbis (DC)/ LatinStock

Preparação

Maria Cecília Caropreso

Revisão

Marise Leal

Daniela Medeiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rushdie, Salman

Vergonha : um romance / Salman Rushdie ; tradução José
Rubens Siqueira. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Shame

ISBN 978-85-359-1756-7

1. Romance indiano (Inglês). i. Título.

10-10021

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance indiano em inglês 823

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Para Samin

Sumário

I. FUGAS DA TERRA MÃE

1. O monta-cargas, 11
2. Um colar de sapatos, 30
3. Gelo derretido, 54

II. OS DUELISTAS

4. Por trás da tela, 73
5. O milagre errado, 90
6. Questões de honra, 116

III. VERGONHA, BOA NOVA E A VIRGEM

7. Enrubescer, 147
8. A Bela e a Fera, 188

IV. NO SÉCULO XV

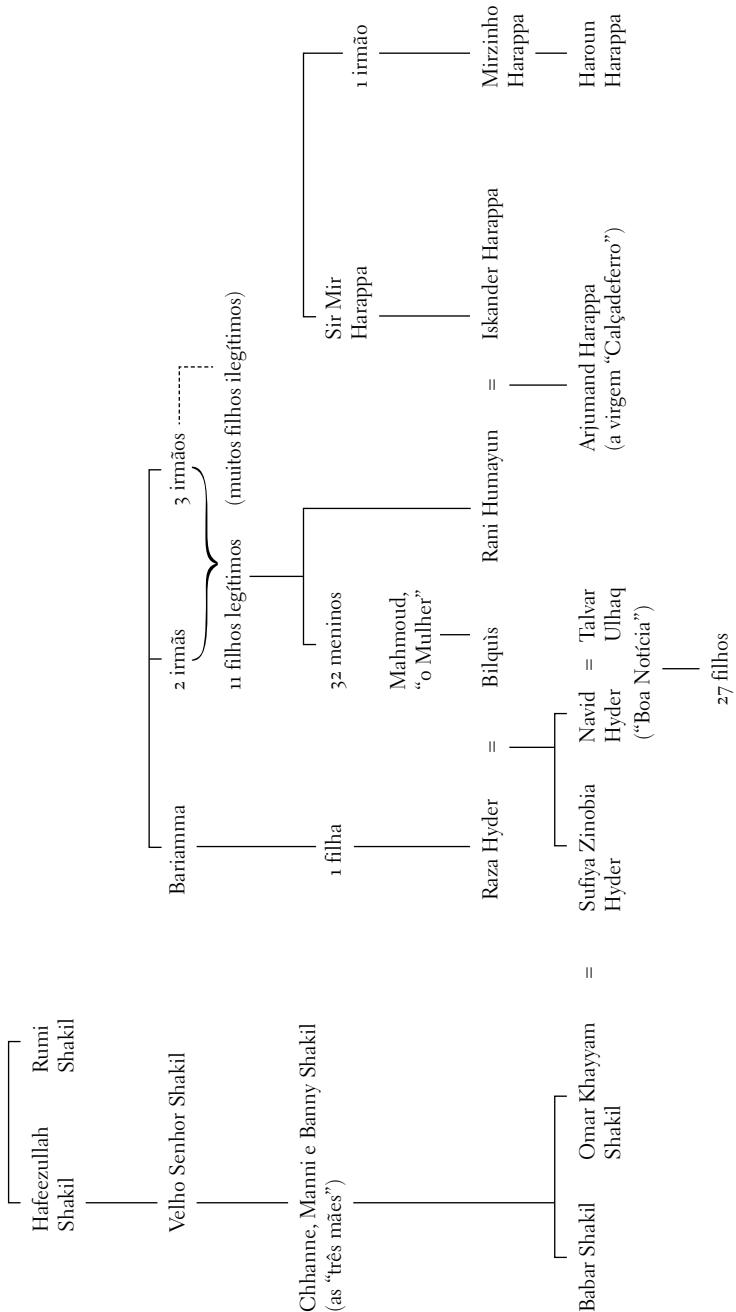
9. Alexandre, o Grande, 227
10. A mulher de véu, 253

11. Monólogo de um enforcado, 284
12. Estabilidade, 309

V. DIA DO JUÍZO, 341

Agradecimentos, 369

I.
FUGAS DA TERRA MÃE



1. O monta-cargas

Na remota cidade fronteiriça de Q., que vista do ar parece bastante um haltere malproporcionado, viveram um dia três amáveis e amorosas irmãs. Seus nomes... mas seus nomes verdadeiros nunca eram usados, como a melhor porcelana doméstica, que ficou trancada depois da noite da tragédia conjunta delas em um armário cuja localização acabou esquecida, de forma que o grande serviço de mil peças de louça Gardner da Rússia czarista se transformou num mito familiar em cuja existência real elas praticamente deixaram de acreditar... as três irmãs, devo revelar sem mais demora, levavam o nome de família Shakil e eram universalmente conhecidas (em ordem decrescente de idade) como Chhanne, Manni e Banny.

E um dia o pai delas morreu.

O velho sr. Shakil, viúvo havia já dezoito anos no momento de sua morte, tinha desenvolvido o hábito de referir-se à cidade em que vivia como “um buraco do inferno”. Durante seu último delírio, ele embarcou num incessante e grandemente incompreensível monólogo, em meio a cujas turvas peregrinações os cria-

dos da casa conseguiam entender longas passagens de obscenidades, pragas e maldições de uma ferocidade que fazia o ar ferver violentamente em torno de sua cama. Nessa peroração, o velho recluso amargurado ensaiou seu ódio de uma vida inteira pela cidade natal, ora invocando demônios para destruir a confusão de pardos edifícios baixos “guinchando e pechinchando” em torno do bazar, ora aniquilando com suas palavras incrustadas de morte a presunção de sepulcro caiado do distrito do Acantonamento. Estas eram as duas zonas da cidade em forma de haltere: a cidade velha e o Acant, a primeira habitada pela população nativa, colonizada, e a última pelos colonizadores estrangeiros, os angrez, ou britânicos, sahibs. O velho Shakil abominava ambos os mundos e por muito tempo permanecera murado em sua alta e gigantesca residência que parecia uma fortaleza e que se voltava para dentro, para um pátio sem luz parecido com um poço. A casa estava situada ao lado de um maidan aberto e era equidistante do bazar e do Acant. Por uma das poucas janelas que davam para fora do edifício, o sr. Shakil podia ver em seu leito de morte a cúpula de um grande hotel de estilo palladiano, que se erguia nas ruas do intolerável Acantonamento como uma miragem, e dentro do qual se podia encontrar escarradeiras douradas e macacos-aranha domesticados com uniformes de botões dourados e chapéus redondos, além de uma orquestra completa tocando toda noite num salão de baile feito de estuque, em meio a uma enérgica confusão de plantas fantásticas, rosas amarelas, magnólias brancas e palmeiras verde-esmeralda que iam até o teto — o hotel Flashman, em resumo, cuja grande cúpula dourada estava rachada já então, mas brilhava mesmo assim com o tedioso orgulho de sua breve glória condenada; aquela cúpula debaixo da qual os oficiais angrez de farda e botas e civis de gravata branca com damas encaracoladas de olhos famintos podiam se congregar to-

da noite, reunindo-se ali saídos de seus bangalôs para dançar e repartir a ilusão de serem coloridos — quando de fato eram meramente brancos, ou na verdade cinzentos, devido ao efeito deletério daquele pétreo calor sobre sua frágil pele alimentada a nuvem, e também ao seu hábito de tomar borgonhas escuros na insanidade do sol do meio-dia, com um belo descaso por seus fígados. O velho ouvia a música dos imperialistas que vinha do hotel dourado, pesada com a alegria do desespero, e amaldiçoava o hotel de sonhos com voz forte e clara.

“Feche essa janela”, gritava, “para eu não precisar morrer ouvindo essa confusão”, e quando a velha criada Hashmat Bibi fechou as venezianas, ele relaxou ligeiramente e, invocando suas últimas reservas de energia, alterou o curso do fluxo de seu delírio fatal.

“Venham depressa”, gritou Hashmat Bibi para as filhas do velho, correndo do quarto, “seu paíji está se encomendando ao diabo.” O sr. Shakil, tendo desistido do mundo exterior, voltara a raiva de seu monólogo de moribundo contra si mesmo, invocando a danação eterna à sua alma. “Só Deus sabe o que foi que deu nele”, Hashmat se desesperou, “mas ele está indo para o lado errado.”

O viúvo havia criado as filhas com a ajuda de amas de leite parses, aias cristãs e uma férrea moralidade sobretudo muçulmana, embora Chhanne costumasse dizer que tinha sido endurecida pelo sol. As três moças foram mantidas no interior da labiríntica mansão até o dia da morte dele; praticamente não educadas, eram prisioneiras da ala da zenana, onde se divertiam inventando línguas particulares e fantasiando sobre a aparência que devia ter um homem quando despido, imaginando, durante seus anos pré-púberes, bizarras genitálias tais como buracos no peito nos quais seus próprios mamilos se encaixariam com aconchego, “por-

que por tudo o que sabíamos naquela época”, elas relembrariam umas às outras, perplexas, mais tarde na vida, “devíamos achar que a fertilização acontecia através do seio”. O interminável cativeiro delas forjou entre as três irmãs um laço de intimidade que nunca seria inteiramente quebrado. Passavam as noites sentadas à janela por trás do painel de treliça, olhando a cúpula dourada do grande hotel e oscilando ao ritmo da enigmática música de dança... e havia rumores de que elas exploravam indolentemente os corpos umas das outras durante o langoroso torpor das tardes e, à noite, teciam encantamentos ocultos para apressar o momento final de seu pai. Porém as más-línguas não dirão nada, principalmente de mulheres lindas que vivem longe dos olhos desnudadores dos homens. O que quase certamente é verdade é que foi durante esses anos, muito antes do escândalo do bebê, que as três, todas quais desejavam filhos com a paixão abstrata de sua virgindade, celebraram o pacto secreto de permanecer triunfantes, para sempre ligadas às intimidades de sua juventude, mesmo quando viessem os filhos: quer dizer, resolveram repartir os bebês. Não posso provar nem desmentir a sórdida história de que esse trato foi escrito e assinado com a mistura do sangue menstrual de cada uma da trindade, depois queimado, sendo preservado apenas no claustro da memória delas.

Mas durante vinte anos, elas teriam apenas um filho. O nome dele seria Omar Khayyam.

Tudo isso aconteceu no século XIV. Uso o calendário da Hégira, naturalmente: não imagine que histórias desse tipo sempre ocorrem muitomuito tempo atrás. O tempo não pode ser homogeneizado com a mesma facilidade do leite, e naquela região, até bem recentemente, os anos 1300 ainda estavam em plena atividade.